

TRANSGREDIR E ESPERANÇAR: A CONEXÃO ENTRE O PENSAMENTO DECOLONIAL E A PRÁTICA LIBERTADORA NA FORMAÇÃO DOCENTE

Karla Nadjla Gomes Feitosa ¹

Rebeca Azevedo da Silva ²

Juliana Silva Santana ³

RESUMO

Este relato de experiência tem como objetivo geral investigar a conexão entre o pensamento decolonial e a prática libertadora na formação docente. Apoiamo-nos em intelectuais negras, como bell hooks, que pensou a Pedagogia Engajada e Nilma Lino Gomes, pesquisadora brasileira e pedagoga, assim como em educadores sociais brasileiros, como Paulo Freire e Carlos Rodrigues Brandão, para discutir como as experiências vivenciadas no Coletivo Mapinduzi (grupo de estudos e leitura de intelectuais negras) e a Coletiva Cultural Cenopoético Viva a Palavra (projeto de extensão em desenvolvimento junto à comunidade da Serrinha, no entorno da Universidade Estadual do Ceará), configurando-se, assim, uma pesquisa de abordagem qualitativa. Tais experiências estão levando graduandas e docente à refletirem fortemente sobre questões sociais, raciais, de gênero, relacionadas à cultura popular, dentre outras para compreender a educação, para planejar e fazer educação de uma forma democrática, engajada, inclusiva e libertadora, em contraposição às perspectivas tradicionais de ensino que reforçam estruturas excludentes. Entende-se, com base nessas experiências, que o pensamento decolonial e a prática libertadora estão conectadas, pois ambos apontam para novos modelos de educação para todos e que, experienciá-las durante a formação inicial em Pedagogia fortalece nas graduandas as bases para as práticas antirracistas, decoloniais e libertadoras.

Palavras-chave: Formação docente, Pensamento decolonial, Prática Libertadora, Educação, Coletivos.

REFLEXÕES INICIAIS

Visando uma escola/sociedade mais equânime, a educação vai se reconfigurando em diversos modelos e perspectivas ao longo dos tempos. Nas diversas modalidades de ensino e nos variados níveis de escolaridade, é crescente a necessidade de incluir, acessibilizar e pluralizar saberes e fazeres. Nesse sentido, este relato retrata experiências de formação docente, especificamente no curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, em que Coletivos formados por discentes, docentes e comunidade transgridem a lógica tradicional de educação e esperanças formas outras de agir e ser no mundo através da educação.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, karla.feitosa@aluno.uece.br ;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, azevedo.silva@aluno.uece.br ;

³ Professora Adjunta do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará- UECE, juliana.santana@uece.br;

A urgência em transgredir refere-se, sobretudo, à realidade escolar brasileira em que o modelo tradicional de ensino ainda ocupa significativo espaço, observado em planejamentos engessados que perpetuam a exclusão, em experiências conteudistas com os currículos, provocando passividade entre as educandas e educandos e, ainda, através da manutenção de privilégios socioestruturais em que o apagamento histórico e epistemológico e a reprodução de preconceitos de raça, classe, gênero, dentre outros, violentam as heterogeneidades presentes em sala de aula.

Ao mesmo tempo que a educação tradicional se enraíza, ganham força outras perspectivas educacionais, como a Educação Popular e o Pensamento Decolonial, por exemplo, que se impõem como resistência, influenciando diretamente na Educação. Fortalecidas, principalmente pelos movimentos sociais, essas perspectivas resistem e (re)existem na reivindicação por uma educação decolonial, engajada, amorosa, inclusiva, não militarizada e que abarque a pluri e multiplicidade de saberes; uma educação contrária aos valores do “patriarcado supremacista branco capitalista imperialista” (hooks, 2021, p. 33).

Os Coletivos referenciados nesse texto são: o Coletivo Mapinduzi, atualmente institucionalizado no Centro de Educação - CED/UECE que tem por objetivo semear e disseminar as pedagogias críticas costuradas e tecidas por mulheres negras, criando espaços/comunidades dentro e fora da Universidade, promovendo debates a partir da intelectualidade negra; e a Coletiva Cultural Cenopoético Viva a Palavra, também institucionalizada na referida Universidade, entrelaçando-se na comunidade ao seu entorno - o bairro Serrinha - Fortaleza/CE, através de ações como: Sarau Viva a Palavra, Biblioteca Comunitária Viva a Palavra, Inglês na Comunidade e o Cursinho Popular Viva a Palavra.

Assim, esse relato de experiência tem como objetivo geral investigar a conexão entre o pensamento decolonial e a práxis libertadora na formação docente. Para tal, embasamo-nos em autoras e autores como bell hooks, Nilma Lino Gomes, Paulo Freire e Carlos Rodrigues Brandão, dentre outros, para discutir Educação e formação docente.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa que, segundo Minayo (2016, p. 22), em seu livro Pesquisa Social: teoria, método e criatividade, é aquela que “aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”. Dessa forma, esta pesquisa se debruça em um processo histórico, político e social, pois nela utilizamos os conhecimentos

historicamente acumulados, transmitidos e produzidos dentro dos Coletivos supracitados para fomentar nossa discussão.

RELATO DA EXPERIÊNCIA: TRANSGREDINDO E ESPERANÇANDO NA FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA

Os relatos apresentados tratam de experiências de duas discentes e uma docente do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará. Eles foram escolhidos por representarem conexões possíveis entre o pensamento decolonial e a práxis libertadora na formação docente.

Salientamos que o referido curso tem uma matriz curricular bastante diversa e proporciona vivências e reflexões plurais no campo da Educação. Todavia, ainda não prioriza em seu currículo (ementas e alguns programas de disciplinas) as perspectivas decoloniais e libertadoras de educação e, com isso, as experiências com essas importantes concepções não são oferecidas à todas as graduandas (aqui posto no feminino para enfatizar que o curso é majoritariamente composto por mulheres), mas apenas àquelas que dispõe de oportunidades de engajar-se em projetos, grupos e demais atividades que extrapolam a sala de aula e/ou em experiências específicas fomentadas com algumas professoras.

A experiência com o Coletivo Mapinduzi é um exemplo disso. O Coletivo foi criado durante a pandemia da COVID-19, por graduandas negras e graduandos negros que ao conversarem dentro e fora da sala de aula, indignaram-se com o fato de, até então, não terem feito leituras e estudos de intelectuais negras(os) para discutir educação. Decidiram assim, reunirem-se on-line, utilizando plataformas digitais, para conhecer, compartilhar, discutir as contribuições negras à educação e, a partir dessa fundamentação teórico-prática (que também podemos chamar de inspiração!), pensar a escola que temos e queremos. Os primeiros dois ciclos aconteceram remotamente, aprofundando-se nas obras de bell hooks “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade” (2017) e “Tudo sobre o amor: novas perspectivas” (2020).

Ao retornar à presencialidade, esse grupo, articulado por estudantes de Pedagogia e já fortalecido com graduandas/os de outros cursos, foi institucionalizado - com a parceria de uma professora recém-efetivada, mulher negra - e passou a acontecer em formato de encontros presenciais aos sábados pela manhã, o que acessibiliza a experiência às estudantes trabalhadoras/mães ou que tenham quaisquer outras impossibilidades de

engajamento durante a semana. Ao promover esses encontros, em que a escuta é ativa, o acolhimento às falas, experiências, sentimentos, sensações é prioridade e a academia se mostra mais próxima e acessível, estamos construindo noções de uma prática pedagógica afetuosa e libertadora, baseada no fazer transformador dos cotidianos (Santana *et al*, 2014).

No ciclo de estudos sobre a intelectual e educadora bell hooks, conhecemos e nos aprofundamos na Pedagogia Engajada e Democrática, aquela que não é neutra e que se interessa pelos sujeitos, suas vidas, seus interesses, seus sonhos. A autora nos convida ao “comprometimento com uma ‘abertura radical’, à disposição para explorar diferentes perspectivas e mudar a mente conforme novas ideias são apresentadas” (hooks, 2021, p. 98).

Nesse movimento, podemos perceber a importância de ter referências "novas" e potentes como essa, nos planejamentos de aula e de vida. O fazer docente, na perspectiva de bell hooks, fundamenta-se no amor, na geração/criação de pensamento crítico e capacidades intelectuais além dos padrões. Essa compreensão está em processo de construção e sendo, efetivamente, estimulada no Mapinduzi, visto que lá nossas potencialidades para tanto, são desenvolvidas e aperfeiçoadas.

O diálogo, que é parte crucial para o caminho da educação, nas perspectivas de bell hooks e de Paulo Freire, é, sem dúvidas, o pilar que sustenta nossas ideias e partilhas no Coletivo. Sentimo-nos acolhidas(os) nos encontros, com nossos irmãos e irmãs de ancestralidade e de afeto - pessoas negras, em sua maioria, mas também pessoas não-negras e aliadas. O rico diálogo possível a partir de nossas histórias, de nossas experiências, de nossas leituras e das inspirações de bell hooks, permite-nos repensar e (re)direcionar nossa prática pedagógica e a nossa fala. A experiência no Mapinduzi ascende em nós questões que por tempos permaneceram silenciadas.

Partindo da perspectiva de uma práxis libertadora, O Cursinho Popular Viva a Palavra nasceu em 2018, a partir de uma demanda dos jovens da comunidade do bairro da Serrinha, localizada na periferia de Fortaleza; assim, enraizando na Associação de Moradores do Bairro da Serrinha (AMORBASE), juntamente com os movimentos sociais que perpassam o território, um Cursinho que tem como objetivo a oferta de um preparatório para o Vestibular da UECE e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), de forma gratuita.

Em 2023, o Cursinho possuía 26 docentes, dentre eles 17 bolsistas, distribuídos em 15 bolsas de extensão e 2 bolsas de iniciação científica, todas elas atreladas à

Universidade Estadual do Ceará, além de 9 voluntários. Para além de um cursinho pré-vestibular, o Viva a Palavra também é um espaço de oportunidades e permanência estudantil daqueles que adentram os muros da universidade.

O Cursinho Popular Viva a Palavra integra um projeto de extensão vinculado à Universidade Estadual do Ceará: a Coletiva Cultural Cenopoético Viva a Palavra, sob a coordenação da Professora Doutora Claudiana Alencar. Todo o projeto acontece com e na comunidade da Serrinha. As aulas são planejadas e pensadas a partir da metodologia cooperativa e da perspectiva da educação popular, trazendo para dentro da sala de aula a realidade e o contexto histórico-social-político da educanda e do educando.

Assim, o Cursinho se entrelaça com uma práxis libertadora, fazendo com que jovens da periferia da Serrinha tenham acesso a um Cursinho pré-vestibular que os auxilia a atravessar a avenida e adentrar a universidade pública e, para além disso, entender o seu papel, a importância da sua presença e o reconhecimento de sua identidade dentro de um espaço ainda tão elitista. É importante frisarmos que a universidade ainda não é feita para e com a comunidade, ainda é um espaço elitizado.

Além disso, o contato com a comunidade que rodeia a universidade nos faz perceber os processos educativos que ocorrem dentro daquele espaço. Quando as/os discentes do curso de Geografia, por exemplo, saem da Universidade para aprender sobre o processo de reciclagem com os Catadores que realizam esse trabalho dentro do bairro da Serrinha, percebemos o quanto de processos educativos e de conhecimentos historicamente acumulados que são apagados, estão presentes naquele local.

Entender que o processo educativo não ocorre somente dentro da sala de aula, que é importante, enquanto graduandas e graduandos que estão se formando para receber o título de licenciatura, que os sujeitos que moram em um determinado local possuem saberes e história, marca positivamente a formação docente desse estudante e amplia as possibilidades de uma atuação mais engajada em sala de aula, no processo de ensino-aprendizagem com crianças, jovens e/ou adultos.

Com a experiência da Coletiva Cultural Cenopoético Viva a Palavra, destacamos que é de suma importância pensarmos no processo educativo em sua totalidade, para entendermos os sujeitos que compõem determinados espaços e locais, seus saberes e conhecimentos que são invisibilizados e, assim, pensarmos em uma práxis educativa que não leve somente aquilo que aprendemos nos livros didáticos, mas também que possamos enxergar as pessoas ao nosso redor, a nossa coletividade e o processo histórico-cultural-

social do local em que estamos inseridos enquanto educadores/educadoras ou enquanto educandos/educandas.

DISCUSSÃO DOS DADOS: CONSTRUINDO CONEXÕES

O Pensamento Decolonial nos traz uma visão de um mundo de possibilidades, diferentemente da lógica colonialista, onde apenas a visão eurocêntrica se faz presente e dita uma “história única” (ADICHIE, 2019), como verdadeira e absoluta. A crítica à lógica colonialista se faz necessária durante a formação docente, pois é através da reprodução de saberes impostos pelas elites brancas que a educação - sobretudo nos ambientes “formais” de ensino - fortalece as estruturas de exclusão, visto que a população brasileira não é majoritariamente branca e rica. É, portanto, urgente pensarmos, contarmos e criarmos outras histórias: plurais, representativas. “As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar” (Adichie, 2019, p. 32).

Como uma forma de romper com essa estrutura e construir outras possibilidades de ser e fazer educação/escola, é fundamental que professores e estudantes apropriem-se de suas raízes, de suas histórias, bem como da diversidade contida nas mais diversas formas de compreender as áreas do conhecimento. Para tal, consideramos salutar que essa experiência seja estimulada desde a formação inicial docente, ainda na Universidade e esta se dá, principalmente, através da leitura e estudos de intelectuais negras(os), como vem sendo feito no Coletivo Mapinduzi, por exemplo.

O pensamento decolonial se concentra na pluralidade e multiplicidade de caminhos, vozes e raízes. A escola tem um papel fundamental na construção desse pensamento e na viabilização desses caminhos. Conforme aponta Nilma Lino Gomes, pedagoga, feminista e intelectual negra brasileira no texto “Educação e Relações Raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação”:

Ainda encontramos muitos(as) educadores(as) que pensam que discutir sobre relações raciais não é tarefa da educação. É um dever dos militantes políticos, dos sociólogos e antropólogos. Tal argumento demonstra uma total incompreensão sobre a formação histórica e cultural da sociedade brasileira. E, ainda mais, essa afirmação traz de maneira implícita a ideia de que não é da competência da escola discutir sobre temáticas que fazem parte do nosso complexo processo de formação humana (Gomes, 2005, p. 146)

Entendemos que é fundamental que a Pedagogia, enquanto área do conhecimento, e a Pedagogia - UECE, enquanto curso de formação de educadores, estejam engajadas

em discutir as relações étnico-raciais buscando a erradicação do racismo e, com isso, de tantas outras formas de opressão que apoiam-se nesta estrutura. Ao que experienciamos nas atividades do Coletivo Mapinduzi, percebemos o empoderamento de estudantes e profissionais negras(os) enquanto sujeitos, num processo de humanização necessário à sobrevivência, num espelho de si representado em forma de intelectualidade, na construção de uma comunidade amorosa que desenvolve-se academicamente, profissionalmente, humanamente e socialmente. Para bell hooks (2021) a educação pautada na liberdade e na democracia, requer de nós, educadores e educadoras um compromisso ético e amoroso, dentro e fora da escola. Essa busca, estimulada no coletivo, nos acompanhará durante o processo formativo, em outros contextos.

Tal qual bell hooks dialoga com Paulo Freire em suas obras, colocamos em diálogo as experiências do Coletivo Mapinduzi e da Coletiva Cultural Cenopoético Viva a Palavra, salientando, nesse momento, algumas reflexões acerca da Educação Popular, que, valiosamente, é um marco nas/das ideias de Paulo Freire e de Carlos Rodrigues Brandão, pois traz como pilar o diálogo enquanto princípio de ênfase, estudo e prática.

Historicamente, a Educação Popular se enraíza de acordo com o contexto em que a Educação social vai se inserindo e sendo configurada. Há ideologias que merecem ser destacadas para esse quesito e, é neste ponto, que trazemos os pensamentos de Paulo Freire e de Brandão em conjuntura com compromisso e com a participação para transformação social. Assim, pretendendo uma formação que traz um olhar de ato político, através da horizontalidade das interações entre os educadores e os educandos, veremos/faremos com que haja consciência e clareza em nossa atuação docente e em nossa vida na constituição de um modelo libertador que (des-)constrói as nossas contradições e contribui positivamente para a formação da cidadania de outras(as).

Sabemos que, assim como Freire, Brandão e inspirados neles, existem educadores/educadoras populares, intelectuais e pesquisadores/pesquisadoras, além dos colegas que ainda estão na graduação que contestam veementemente as práticas educacionais propostas pela pedagogia tradicional e propõem que a pedagogia seja pautada numa esfera de liberdade, onde o diálogo, a práxis, a esperança e a autonomia sejam os eixos e assim possamos seguir para uma melhoria.

No entanto, para que, de fato, essa melhoria seja conquistada, é necessário enfrentar com veemência a forma tradicional de educar, que ainda paira em algumas escolas e, muitas vezes, é reproduzida por nós, inclusive professores que estudaram outras perspectivas educacionais. A necessidade momentânea e/ou imediata do emprego e o

enfrentamento às condições econômicas desiguais que muitos profissionais passam, faz com que eles “cedam” às estruturas historicamente excludentes e reproduzam desigualdades através de suas aulas. É chave indicar também, que, ao propor a reflexão, o engajamento, podemos esperar outros modelos sociais.

É compreendendo a educação em moldes de determinações e relações sociais que somos capazes de contornar essa prática nociva que é a educação tradicional. Brandão, educador popular que juntamente com Paulo Freire pensou em uma práxis libertadora, em seu livro “O que é educação?”, nos traz um pensamento importante quando refletirmos sobre o ato educativo. Ele diz: “Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja a melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante” (Brandão, 2002, p. 3), convidando-nos a pensar em outras formas de ser e fazer educação - dentro e fora dos espaços escolares; um convite à liberdade, à mudança.

Aliada a esse pensamento, “a Educação Popular está a serviço de uma pertença coletiva, de um sentimento de pertencimento ao mundo, de uma identidade coletiva em torno de um projeto utópico, resgatando as raízes históricas dos sujeitos, as memórias coletivas e sua relação com o presente” (Mello, 2008, p.100 *apud* Souza, 2023, p.4). A partir desse conceito, trazemos a importância de pensarmos cuidadosamente numa “gestação” de perspectivas educacionais libertadoras, desde a graduação. Sabendo que os enfrentamentos para tornar-se um(a) educador(a) para a liberdade, que auxilia a formação de seres humanos focados em pensamento crítico e capazes de desenvolver o diálogo e conquistar seus espaços colaborativos, são os mais intensos e diversos. Precisamos que as concepções freireanas sejam disseminadas e cada vez mais abrangentes, num sentido real de “alcançar corações”.

hooks e Freire destacam a importância da afetividade na construção de diálogos na Educação. Corroborando com tais referências, o estudo sobre afetividade desenvolvido por Feitosa *et al.* (2023, p.3) ressalta que “através do diálogo (fala e escuta) tocamos os outros, propiciando um espaço sadio onde as emoções são livremente expressas e a capacidade de desenvolver-se vai fluindo”, e assim, professores e estudantes gozam de liberdade, crítica, autônoma e coletiva, para construir saberes.

Nesse contexto, pensar o fazer pedagógico a partir do despertar do pensamento crítico, desde a graduação traz significativas implicações e mudanças em contextos políticos, sociais e históricos. Isso gera crescimento também, é mútuo, pois a Pedagogia da dialogicidade contribui para que os sujeitos (educadores e educandos) percebam-se

capazes de problematizar a(s) realidade(s) e seguir numa linha de auxílio e combate à tradicionalidade (Santos, 2014).

Constatamos, assim, em bell hooks e nas ideias freireanas, que em certos cenários (caóticos, inclusive) que possamos estar inseridos, a prática da educação democrática é o melhor caminho. Entendemos que essa prática requer engajamento, coletividade e compromisso... requer também uma rica formação - inicial e continuada, que subsidie as ações, empodere os rompimentos e fortaleça o novo. Com experiências que inspiram tais perspectivas de educação, como as vivenciadas nos dois coletivos, apontam-se caminhos, possibilidades e sementeiras.

REFLEXÕES FINAIS

Neste trabalho relatamos experiências de formação docente em Pedagogia na Universidade Estadual do Ceará que estão colaborando na construção de diferentes formas de vivenciar uma educação mais engajada, libertadora e acessível. Tais experiências fazem parte do tripé universitário - ensino, pesquisa e extensão, mas ainda assim, não chegam a ser acessíveis à todas(os) graduandas(os) do curso. Consideramos importante que todas(os) possam experienciar, à sua forma, pedagogias outras que tragam para o centro da escolarização, as pessoas, as comunidades, as diferentes histórias, a diversidade.

Encontramos uma forte conexão entre o pensamento decolonial, discutido principalmente através da experiência junto ao Coletivo Mapinduzi e a práxis libertadora, discutida a partir das experiências da Coletiva Cultural Cenopoético Viva a Palavra, visto que ambas encontram-se na busca e mobilização de uma educação para todas e todos, que atenda bem as diferentes classes, raças e gêneros, que propicie, através do conhecimento, diversas possibilidades de atuação social e que, com isso, inspire continuamente a transgredir e esperar.

A formação docente em Pedagogia tem sido mais significativa nesse contexto. Este é um caminho de tratar - pela educação e pela práxis - a autonomia e fazer saber (trazer visibilidade) às questões interseccionais de raça, gênero e classe, numa perspectiva de real emancipação. Só assim acontecerão as mudanças, os ajustes de contexto/conteúdo político, social, geográfico, econômico e histórico, incluindo os processos educacionais libertadores. Eis o canal que transgredir e, porque esperança, transcende.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2002. 117 p.

FEITOSA, Karla Nadjla Gomes *et al.* **Espaço de afetos, fala e escuta sensível no Coletivo Mapinduzi** In: XXVIII Semana Universitária UECE, 2023, Fortaleza.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e relações raciais**: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, Kabengele. (Org). Superando o racismo na escola. Brasília: SECAD, 2005.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda, 2019. 283 p.

HOOKS, bell. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança. Tradução: Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); GOMES, Romeu; DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 2016, 95 p.

SANTANA, Juliana Silva; SILVA, Mar; SOUZA, Davison da Silva; ANTUNES, Gabriele da Silva. **“Empretecendo os caminhos”**: o Coletivo Mapinduzi e a promoção de intelectualidades negras. PerCursos, Florianópolis, v. 25, e0112, 2024.

SANTOS, Risomar Alves dos. **Paulo Freire e a formação docente: despertando a criticidade** In: IX Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, Turim, 2014.

SOUZA, Maria das Dores Alves. **Revisitar é preciso: reflexões sobre concepções de educação popular**. Tese/2014/UFC (fragmento). 2023, Fortaleza.